

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Gesner Duarte Pádua

**A morte como valor-notícia durante a pandemia: a disputa de narrativas
entre o Jornal Nacional e o governo Bolsonaro**

São Paulo
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Gesner Duarte Pádua

**A morte como valor-notícia durante a pandemia: a disputa de narrativas
entre o Jornal Nacional e o governo Bolsonaro**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Mídia, Informação e
Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Vinícius
Romanini.

São Paulo
2022

A morte como valor-notícia durante a pandemia: a disputa de narrativas entre o Jornal Nacional e o governo Bolsonaro

Gesner Duarte Pádua

Resumo:

Esta pesquisa investiga, em uma perspectiva comunicacional e cultural, a presença da morte como um dos valores-notícia dominantes na produção jornalística a partir da cobertura do Jornal Nacional sobre a pandemia de covid-19 e, numa dimensão política, como a morte passou a ser enquadrada em uma disputa político-discursiva entre a Globo e o presidente Jair Bolsonaro. Neste sentido, o JN constrói representações de um Brasil ameaçado e assolado pela morte e atribui grande parte da culpa sobre essa tragédia à inércia e irresponsabilidade da postura negacionista de Bolsonaro. A metodologia baseia-se em uma análise de enquadramento jornalístico do *corpus*, composto por 22 edições do Jornal Nacional, entre março de 2020 e outubro de 2021, concomitante a uma pesquisa bibliográfica a partir de autores das áreas da comunicação e da cultura.

Palavras-chave: Valor-notícia morte; Jornal Nacional; Pandemia de covid-19; Presidente Jair Bolsonaro.

Abstract:

This article analyzes, from a communicational and cultural perspective, the presence of death as one of the dominant news values in journalistic production based on Jornal Nacional's coverage of the covid-19 pandemic and, in a political dimension, how death was framed in a political-discursive dispute between Globo and President Jair Bolsonaro. JN produces representations of a Brazil threatened and devastated by death and attributes part of the blame for this tragedy to the inertia, irresponsibility and denialist position of the president Bolsonaro. The methodology is based on a journalistic framing analysis of the corpus, consisting of 22 editions of Jornal Nacional, between March 2020 and October 2021, concomitant with a bibliographic research from authors in the areas of communication and culture.

Key words: Death news value; Jornal Nacional; Covid-19 pandemic; President Jair Bolsonaro.

Resumen:

Esta investigación analiza, desde una perspectiva comunicacional y cultural, la presencia de la muerte como uno de los valores noticia dominantes en la producción periodística a partir de la cobertura del Jornal Nacional sobre la pandemia de COVID-19 y, en una dimensión política, cómo la muerte fue encuadrada en una disputa político-discursiva entre Globo y el presidente Jair Bolsonaro. En ese sentido, JN construye representaciones de un Brasil amenazado y devastado por la muerte y atribuye parte de la culpa de esta tragedia a la inercia e irresponsabilidad de la posición negacionista del presidente Bolsonaro. La metodología parte de un análisis del encuadramiento periodístico del corpus, conformado por 22 ediciones del Jornal Nacional, entre marzo de 2020 y octubre de 2021, concomitante con una investigación bibliográfica de autores en las áreas de comunicación y cultura.

Palabras clave: Valor noticia muerte; Jornal Nacional; Pandemia de covid-19; Presidente Jair Bolsonaro.

1 Introdução

De todas as modernas máquinas de fazer ver, interpretar e sentir o mundo, incluindo aí aquelas totalmente conectadas ao universo virtual, como computador e o celular, a televisão ainda é, no Brasil, uma importante referência para as pessoas acerca da realidade. “O telejornalismo hoje ocupa um espaço central na sociedade brasileira como a primeira, a mais barata e a mais cômoda informação que os cidadãos e cidadãs recebem”, afirmam Vizeu e Siqueira (2010, p. 83). Os telejornais produzem, socialmente e cotidianamente, sentidos que influenciam o conhecimento e a concepção do mundo no qual vivemos. São enquadramentos do real que geram determinados sentidos a respeito do mundo representado nas telas e páginas impressas (PORTO, 2007).

Ao se estudar o sistema de produção e significação jornalística é importante compreendê-lo também, entre diversos ângulos possíveis, a partir de uma perspectiva cultural, ou seja, de reconhecer o profundo vínculo entre o subsistema da cultura profissional jornalística, do qual telejornais e outros produtos noticiosos são frutos, e o macrossistema da cultura humana (BAITELLO JUNIOR, 1997, p. 75).

Dessa forma, em um primeiro momento, este trabalho procura investigar as relações entre representações de mundo feitas pelo jornalismo e o macrossistema da cultura, a partir da recorrência, no Jornal Nacional, o mais importante noticiário da TV brasileira, de um elemento arcaico e poderoso desse sistema simbólico, que é a morte. E, em especial, como esse valor-notícia aparece neste momento específico de pandemia em que a morte passou a rondar, de forma muito mais intensa e atípica, o pensamento e a vida das pessoas.

Por outro lado, junto a essa dimensão cultural da morte presente no noticiário, há um outro aspecto desse fenômeno que atinge a esfera do político e da política: a morte passou a ser enquadrada de diferentes formas em uma disputa político-discursiva entre a Globo e o presidente Jair Bolsonaro.

Assim, o problema desta pesquisa pode ser abarcado em duas questões principais correlacionadas: 1- Como a temática da morte, enquanto um poderoso valor-notícia jornalístico, de raízes culturais profundas e arcaicas, aparece enquadrada na cobertura do Jornal Nacional durante a cobertura da pandemia de coronavírus? e 2- Que relação é possível estabelecer entre o tratamento dado à morte na pandemia pelo JN e os posicionamentos negacionistas manifestados publicamente pelo presidente Jair Bolsonaro?

O jornalismo (como prática profissional e como representação de mundo) é um bem simbólico produzido no contexto da cultura e reflete, necessariamente, as relações e construções sociais dessa cultura, algumas muito arcaicas e presentes intensamente na nossa vida social, no nosso imaginário, como a morte. Nesse sentido, o entendimento da prática jornalística e dos produtos dela resultantes só pode ser mais bem compreendido quando fazemos essas conexões com o meio cultural. Tomar esse elemento como objeto de pesquisa pode contribuir para entender melhor, do ponto de vista social e científico, a forma como os jornalistas apresentam a realidade construída diariamente e oferecida a nós, consumidores.

Entre todas as relações existentes entre a cultura e a mídia, a questão da presença da morte nessas representações de mundo produzidas pelo jornalismo ganha relevo por se tratar de um tema extremamente sensível, especialmente quando abordado pelo mais influente telejornal do País, que atinge milhões de pessoas diariamente. Influência essa que se torna ainda mais carente de

investigação em um momento como o que estamos vivendo, de pandemia, causada por um vírus que tem provocado extrema perturbação em diversos âmbitos da vida em sociedade.

Por outro lado, esta pesquisa também se mostra relevante socialmente na medida em que procura mostrar a dinâmica existente entre o jornalismo e o poder político, investigando o papel que um veículo jornalístico pode ter ao se contrapor ao comportamento deletério de governantes no que diz respeito a políticas públicas importantes como o combate à pandemia de covid-19.

2 Fundamentação teórica

O fenômeno da morte como elemento onipresente na cultura profissional jornalística e nos seus produtos relaciona-se com os chamados critérios de noticiabilidade, ou seja, um conjunto de requisitos vinculados tanto às rotinas produtivas dos media quanto à própria cultura profissional dos jornalistas, que são usados como parâmetros para selecionar e determinar se um acontecimento tem “aptidão para se transformar em notícia” (WOLF, 2001, p. 189). São modelos e valores partilhados e interiorizados pelos jornalistas no complexo processo comunicacional e cultural de criação noticiosa.

Entre esses critérios de noticiabilidade estão os valores-notícia, uma variedade de qualidades dos acontecimentos que são tipificadas e percebidas pelos jornalistas como referências rápidas e quase automáticas na hora de decidir o que pode virar notícia (WOLF, 2001, p. 197). Esses valores estão presentes na avaliação dos profissionais ao longo de toda a cadeia de produção, desde a seleção dos acontecimentos até a construção dos enquadramentos da notícia, graças à cultura profissional que, segundo Traquina (2013), jornalistas de diversos países acabam partilhando de forma muito semelhante. Consequentemente, também partilham, praticamente, dos mesmos valores-notícia, integrando, assim, segundo o autor, uma “comunidade interpretativa transnacional”, uma “tribo jornalística”, por terem quadros de referência parecidos.

Como esses parâmetros de interpretação profissionais estão profundamente ligados ao macrosistema da cultura humana, os valores-notícia

acabam se constituindo também como valores socioculturais. Ou seja, enquanto produtos da cultura profissional jornalística, eles existem em função do ambiente sociocultural do qual esses jornalistas participam. E entre os valores-notícia dominantes na cultura profissional jornalística, está a morte (TRAQUINA, 2013).

Galtung e Ruge chamam a atenção para a presença de aspectos culturais nos valores-notícia ao afirmarem que “também existem fatores ligados à cultura que influenciam a conversão de eventos em notícias” (GALTUNG; RUGE, 1965, p. 69), sendo a morte um dos mais fortes. A morte, em seu caráter simbólico, como texto cultural (em sentido semiótico, entendendo “texto” como um todo de sentido) está enraizada nas estruturas mais profundas do macrosistema da cultura. Enquanto entidade “noológica”, como diz Morin (2011), ou seja, construções da mente, da consciência humana que se ancoram no meio cultural (crenças, valores, ideologias, ciências, símbolos, sonhos, mitos, deuses, ritos etc.) a ideia da morte, arraigada no imaginário humano ancestral, funciona como um macro valor-notícia na cultura profissional jornalística, da qual se derivam muitos outros como crimes, acidentes, catástrofes, escândalos etc.

Segundo Morin (1988, 2000), desde os tempos mais remotos, o homem adquiriu consciência da morte e com esse reconhecimento veio o medo da finitude como ameaça à sua individualidade e a dos que lhe são próximos. Essa consciência provoca no ser humano um trauma da morte que faz despertar um instinto de sobrevivência, de defesa, de alerta contra os perigos do mundo, de desenvolver a consciência de si e da finitude que a morte representa. A morte é, para Morin, o grande trauma da humanidade, a ideia que a amedronta, que aflige e angústia e a qual homem procurou enfrentar, negar (ou fugir) por meio de soluções de natureza noológica, ou seja, de natureza simbólica, como o mito, a magia e os ritos.

Lembrando a concepção de cultura para Morin, como patrimônio coletivo de saberes transmitidos de geração para geração, ela “só tem sentido como reprodução, e este termo só assume seu sentido pleno em função da morte.” (MORIN, 1988, p. 11), ou seja, assume o sentido de autopreservação. Para Morin, os jornalistas, conscientes ou não desses poderosos aspectos antropológicos e culturais básicos e arcaicos, elegem a morte como um dos valores-notícia negativos preferidos. Como explica o autor,

A morte é um mistério que fascina por medo e curiosidade, artifício bem explorado pela mídia. As vítimas do sensacionalismo como da tragédia são projetivas, isto é, são ofertadas em sacrifício à infelicidade e à morte. (MORIN, 1984, p. 115).

3 Metodologia

O *corpus* da pesquisa é composto por 22 edições do Jornal Nacional, que marcam efemérides em relação às mortes causadas pela covid-19 no Brasil: a primeira morte registrada (17/03/2020), 100 mortes (28/03/2020), 200 mortes (31/03/2020), 300 mortes (02/04/2020), 400 (04/04/2020), 500 mortes (06/04/2020), Mil mortes (10/04/2020), 10 mil mortes (09/05/2020), 20 mil (21/05/2020), 30 mil (02/06/2020), 40 mil (11/06/2020), 50 mil (20/06/2020), 60 mil (01/07/2020), 70 mil (10/07/2020), 80 mil (20/07/2020), 90 mil (29/07/2020), 100 mil (08/08/2020), 200 mil (07/01/2021), 300 mil (24/03/2021), 400 mil (29/04/2021), 500 mil (19/06/2021) e 600 mil (08/10/2021), compreendendo o período de 19 meses, de março de 2020 a outubro de 2021. As edições foram assistidas em sua íntegra no site do Jornal Nacional¹.

A intenção ao selecionar esses recortes temporais, com um número grande de edições, foi garantir, em primeiro lugar, que a análise tivesse um *corpus* suficientemente coeso para a percepção de padrões ao longo da cobertura, minimizando o risco de intervalos muito grandes que pudessem abarcar desvios de condução editorial não captados no estudo. Essa preocupação foi especialmente maior nos primeiros meses da pandemia, quando os veículos de imprensa ainda estavam consolidando o tratamento e o posicionamento editorial ao lidar com um acontecimento inesperado e muito volátil, com a entrada de elementos informativos novos a cada dia. Dessa forma, da edição que registra a morte número 1 até a de número 100 mil, os intervalos foram curtos, variando de três a 20 dias em média entre as edições. A partir de 100 mil, os intervalos passaram a ser maiores, pois, com as medidas sanitárias adotadas, o ritmo de mortes diminuiu (o consequente intervalo entre as efemérides mais importantes também) e, a essa altura, o direcionamento

¹ Todas as edições analisadas estão disponíveis em: www.globo.com/jn. Acesso em: 10 jan./10 fev.2022.

editorial da cobertura já estava consolidado, sendo possível perceber padrões noticiosos estáveis nas edições em intervalos de um a dois meses.

O Jornal Nacional foi escolhido pela sua relevância no cenário jornalístico brasileiro, por ser, atualmente, o telejornal mais tradicional e de maior audiência no País. E, ainda, apesar da concorrência da internet, se configurar como uma das principais fontes de informação diária para milhões de pessoas.

O *corpus* foi analisado segundo a proposta de Análise de Enquadramento do discurso jornalístico, de Soares (2006), a partir de contribuições técnicas e teóricas da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011). Em primeiro lugar foi realizada, como sugere Bardin (2011), uma “leitura flutuante” exploratória de todo o material para reconhecê-lo e identificar os aspectos mais relevantes em termos de padrões recorrentes de sentido. Em seguida, delimitadas algumas categorias de análise que denotam os principais enquadramentos discursivos das notícias, ou seja, aqueles sentidos que “evidenciam mais as inclinações da publicação” (Soares, 2006, p. 14). Nessa etapa foram sistematizadas as categorias segundo o critério temático, estabelecendo-se duas categorias principais de enquadramentos: 1- a morte vinculada à adesão ou não às medidas sanitárias pela população e autoridades em geral e 2- a morte vinculada ao comportamento político negacionista do presidente Jair Bolsonaro.

4 Resultados e discussão

4.1 A morte como referência de passado e perspectiva futura

Como posicionamento editorial adotado desde o início da pandemia, o JN defende veementemente, em tom até pedagógico, medidas como isolamento, distanciamento, uso de máscara e fechamento do comércio não essencial em quase todas as matérias que tratam da pandemia. Onde é possível inserir esse tipo de discussão, ela está lá presente. De forma padronizada e coesa, repete-se ao longo de toda a cobertura, nos quase 19 meses analisados, em diversas matérias a cada edição, a relação direta entre as mortes ocorridas no presente,

no Brasil e no mundo, e a falta de adesão das pessoas às medidas recomendadas pelas autoridades de saúde, seja por desconhecimento ou por recusa consciente, de natureza político-ideológica, especialmente.

O enquadramento noticioso produzido e cristalizado por reiterações exaustivas nesse *corpus* analisado é de que o desrespeito às medidas sanitárias no passado recente (semanas ou meses) tem como consequência o trágico e ameaçador aumento de mortes no presente. E, de forma análoga, a irresponsabilidade no presente consequentemente terá como resultado o aumento das mortes num futuro sombrio também próximo. Instala-se, portanto, o sentido do medo, que embala a cobertura a partir desse enquadramento.

Compreendemos melhor esse viés observado nos telejornais analisados, como será detalhado a seguir, recorrendo a Morin (1988, 2000). Segundo o autor, o medo da morte, como finitude que ela representa, ronda fortemente o homem desde os seus primórdios, quando ele percebe e elabora o significado dessa ameaça.

Quando a situação da covid começa a se agravar por aqui, o telejornal destaca diariamente a escalada brutal de mortes, que já se consolidava em diversos países. Na edição de 28/03/2020, que marca os 100 primeiros óbitos no Brasil, o JN noticia as 30 mil vidas perdidas no mundo e o caos hospitalar, jamais visto, na Europa e EUA. O termo “vidas perdidas” é usado como padrão ao longo da cobertura, evocando uma dimensão humana mais sensível. Na seleção e tratamento dos acontecimentos pandêmicos que viram notícia no JN, uma característica marcante presente nesse período são os valores-notícia “ineditismo” e “ruptura da ordem” (ambos assentados na ideia da imprevisibilidade), geralmente estarem associados ao valor-notícia “morte”, potencializando ainda mais a força simbólica deste último e acentuam o caráter predominantemente negativo da cobertura. Como observa Traquina (2002), o acontecimento ganha mais importância jornalística se for, ao mesmo tempo, inesperado e negativo.

A situação trágica, em que os doentes não tiveram a chance nem de conversar com seus parentes antes de morrer, como cita uma das reportagens, é relacionada ao comportamento displicente ou negligente de parte da

população de alguns países europeus, que não seguiu as recomendações sanitárias e contribuiu para a disseminação da doença e da morte. Destaca-se a explosão de óbitos na Espanha, “como se o país não tivesse aprendido nada com a Itália”, onde grande parte da população ignorou as medidas sanitárias, diz o repórter. E esse quadro mortal é sugerido, ameaçadoramente, na matéria como perspectiva futura para o Brasil caso as pessoas relaxem o cumprimento das medidas sanitárias.

Um exemplo síntese dessa relação direta entre posturas consideradas irresponsáveis no passado recente e a ameaça assustadora e cada vez mais intensa da morte no presente, evocado em uma das matérias dessa edição de 28/03, é o do presidente do México. Negacionista, Andrés Lopes minimizava a gravidade da pandemia, mas, como reforça a reportagem, foi obrigado a mudar de posição depois do assustador aumento das mortes no País. A partir daí, passou a defender o isolamento para minimizar o estrago já feito. No mesmo sentido, o jornal também destacou o caso do primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, que deixou o negacionismo e passou a preconizar as medidas como o distanciamento depois de ele próprio quase morrer de covid em uma UTI (edição de 06/04/2020).

Quando o Brasil registrava 400 mortes, o JN mostrava, no dia 04/04/2020, o caos na cidade de Manaus, “à beira do colapso”, com hospitais superlotados, falta de leitos e com contêineres frigoríficos para acondicionar corpos. Mais uma vez, a morte, como valor-notícia, aparece politizada, relacionada, em grande parte, à falta de cumprimento das medidas sanitárias por parte da população. Em outra matéria na mesma edição, essa ideia é reforçada com a crítica ao desrespeito ao isolamento social por muitos moradores da cidade do Rio de Janeiro. No Maranhão e em São Paulo, o aumento das mortes naquele momento também é apontado, em parte, como consequência do desrespeito ao *lockdown* ou à quarentena quando já se contabilizavam 10 mil mortes no País (edição de 09/05/2020).

Esse tipo de procedimento discursivo que produz o efeito de sentido da ameaça da morte no horizonte imediato como consequência da desobediência às medidas sanitárias se instala desde o início da pandemia, com o primeiro óbito, em 17/03/2020, e segue sendo reiterado em quase todas as edições do

telejornal até por volta do registro de 100 mil mortos, em 08/08/2020. A partir daí, embora essa ideia permaneça presente, ganha mais força o enquadramento da morte vinculada, em um caráter político, às ações negacionistas do presidente Bolsonaro, como será abordado mais adiante no item 4.2.

De forma oposta, mas ainda apelando à força simbólica primitiva da morte no imaginário coletivo e operando com a vinculação entre causa passada e consequência presente, o JN trabalha com a ideia de que quando as autoridades tomam medidas de prevenção e controle e a população adere a elas, o resultado é oposto, ou seja, é o escape à morte.

Na edição de 28/03/2020, uma matéria destaca um estudo científico realizado na região metropolitana de São Paulo, mostrando que a forte adesão à quarentena, decretada pelo governo semanas atrás, já estaria freando a taxa de contaminação pelo vírus. De maneira similar, no dia 31/03/2020, quando o Brasil registrava 200 mortes, o JN dava voz ao ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, para afirmar que o País só não havia entrado numa espiral mortífera porque o povo estava se conscientizando sobre a importância de seguir as medidas restritivas. De fato, naquele momento inicial a taxa de adesão ao isolamento era satisfatória na maior parte das cidades.

A edição do dia 02/04 mostrava o colapso do sistema funerário nos EUA, com corpos abandonados nas ruas e afirmava que na Espanha, que já contava 10 mil mortos, o confinamento, descrito pela repórter como “um remédio de gosto ruim”, ajudou a reduzir o número de pacientes na UTI. Essa ideia foi reforçada dois dias depois (04/04), citando-se, além da Espanha, a Itália e os Estados Unidos como outros países onde o isolamento social decretado semanas atrás, com a colaboração da maioria da população, estava tendo sucesso na contenção do avanço mortal do coronavírus. Quando o mundo chegou a 100 mil mortes, a edição do dia 10/04/2020 destacou, novamente, que os óbitos estavam desacelerando por conta das medidas restritivas.

Dias antes, em 06/04, outra matéria mostrava que no estado de São Paulo, o governo projetava que o respeito às medidas de isolamento conseguiria reduzir a estimativa de mortes de 5 mil para 1.300. Em outras edições, o telejornal usou esse tipo de argumento contrafactual, baseado em pesquisas

científicas ou estudos governamentais, para reforçar a ideia da importância do cumprimento das medidas restritivas e a sua relação, no presente, com o mais trágico dos desfechos possíveis, que é a morte.

Em 21/05/2020, o JN destacou que um estudo da Universidade de Columbia calculou que se as medidas restritivas tivessem começado duas semanas antes nos EUA, 54 mil mortes poderiam ter sido evitadas. Nessa mesma edição, o JN apontou Minas Gerais como exemplo a ser seguido por outros estados ao adotar medidas duras de contenção que estariam evitando mortes, como fechamento de áreas públicas, instalação de barreiras sanitárias e restrição ao comércio. E assim, ao longo dos 19 meses pesquisados, o telejornal destacou e defendeu, como um mantra, as iniciativas restritivas, muitas vezes rígidas, de estados e municípios, estabelecendo relação causa passada/consequência presente com a contenção da onda aterrorizante de óbitos.

E, mais tarde, quando a vacinação já se consolidava no País e reforçando o seu posicionamento político-editorial ativo (poderíamos dizer até ativista) a favor das medidas de caráter científico e contra o negacionismo, o telejornal passou, então, a relacionar a adesão à vacinação, nos meses anteriores, à queda no ritmo de mortes naquele momento presente. Nos meses seguintes, a frase “vacina sim”, constantemente repetida por apresentadores e repórteres do JN para reforçar a importância da imunização virou até uma espécie de *slogan* propagandístico, se pensarmos no caráter politizado da cobertura, pela frequência com que era usada.

Por outro lado, todas as vezes em que autoridades decidiam pela flexibilização das medidas de restrição, julgada precipitada pelo Jornal Nacional, o programa associava, repetidamente, o aumento de mortes e hospitalizações como consequência nefasta presente ou como perspectiva futura das ações “equivocadas” de reabertura semanas antes ou naquele momento. Foi assim, por exemplo, no auge da pandemia, nas edições de 02/06, 11/06, 20/06, 01/07, 10/07 e 20/07/2020, quando se contabilizava, respectivamente, 30, 40, 50, 60, 70 e 80 mil mortes por covid no Brasil. Foram 15 matérias com esse tipo de enquadramento noticioso nessas seis edições.

Em todas essas situações citadas antes, seja pela não adesão às medidas de contenção por parte dos moradores ou pela promoção ou não dessas medidas pelas autoridades públicas, a construção do sentido da “morte que ronda”, da “morte à espreita”, baseada no medo, estava presente, explicitamente ou implicitamente, em quase todas as notícias sobre a pandemia. Na defesa político-editorial da ciência e no combate ao negacionismo, o JN evocou, com muita frequência, o poder cultural arcaico desse valor-notícia e a insegurança que ele naturalmente produz, especialmente em um contexto de perturbação emocional coletiva provocado por um acontecimento catastrófico. Para lembrar Morin (1988, 2000), a morte com ameaça de finitude é, primitivamente, o grande trauma do homem, que nos coloca, desde a infância, em um estado de alerta contra os perigos que nos ameaçam. Devido ao caráter iminente e o peso que isso tem de assombroso no imaginário humano, a morte representa “antes de mais nada o risco permanente, o acaso que surge a cada transformação do mundo e a cada salto em frente da vida”, que está sempre a beira do desastre (MORIN, 1988, p. 324).

4. 2 O presidente da morte

A primeira morte por covid-19 foi registrada no Brasil em 17/03/2020, num contexto em que o presidente Jair Bolsonaro, há bastante tempo, já minimizava publicamente a gravidade da doença e seu alcance. Preocupado com a manutenção das atividades econômicas, que já demonstravam sinais de arrefecimento desde o começo daquele ano, e, conseqüentemente, com a popularidade do seu governo, ele chamou a infecção pelo coronavírus de “gripezinha” duas vezes, nos dias 20 e 24/03/2020². Afirmou que havia “histeria” e “neurose” e disse que muitos pegariam a doença, independente dos cuidados que tomassem³. Em meio aos apelos reiterados da comunidade científica para

² “2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega”. BBC News, 27/11/2020. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536. Acesso em: 15 jan. 2022.

³ “Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi”. Folha de São Paulo, 05/03/2021. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml. Acesso em: 10 fev. 2022.

que as pessoas mantivessem o distanciamento e o isolamento social, o presidente fazia exatamente o contrário, provocando aglomerações e estimulando seus seguidores a acreditar que o perigo era fantasioso e a desobedecer às medidas sanitárias. Na data da primeira morte, declarou: “A vida continua, não tem que ter histeria”.⁴

A Globo, como já foi dito, adotou um enfático posicionamento editorial pró ciência desde a primeira hora. Os seus telejornais, e aqui falamos mais especificamente do Jornal Nacional, refletiam essa postura na defesa de medidas duras, como o distanciamento, o isolamento, o fechamento dos serviços não essenciais, o uso de máscara e todas as outras ações recomendadas pelos especialistas. Nesse cenário, e diante de um presidente que trabalhava diariamente pela sabotagem desses esforços de contenção do vírus, instalou-se um claro embate entre a emissora e o presidente negacionista e seus seguidores que ultrapassou o caráter meramente informativo e ganhou revestimento de disputa discursiva com viés político-ideológico. O presidente, ao atacar as recomendações dos cientistas e as medidas restritivas de governadores e prefeitos, atacava também, direta ou indiretamente, a Globo, vista por ele como adversária (provavelmente possamos dizer até inimiga) na disputa das narrativas sobre a pandemia junto à opinião pública. Nesse âmbito de embate, gradativamente o Jornal Nacional vai associando a figura de Bolsonaro à disseminação da morte, apelando, como foi mencionado anteriormente, ao poder negativo ancestral que esse texto cultural tem no imaginário coletivo ocidental.

Inicialmente, o combate ao mal exemplo do presidente parece se concentrar no esforço em desacreditá-lo, mostrando, repetidamente, através de reportagens, a importância das medidas de contenção da doença, ao contrário do que Bolsonaro pregava. Dezenas de reportagens batiam na mesma tecla, pedagogicamente, ao longo da semana. As ações e declarações de Bolsonaro eram registradas de maneira objetiva, sem críticas explícitas, mas subentendidas. As notícias de mortes eram tratadas, igualmente, de maneira

⁴ “Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi”. Folha de São Paulo, 05/03/2021. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml. Acesso em: 10 fev. 2022.

objetiva, ressaltado, muitas vezes, apenas os dados e informações básicas, mas ainda, enfatizando a dimensão inédita da mortandade.

No embate com o presidente, o Jornal Nacional elegeu o ministro da saúde, Luíz Henrique Mandetta, como uma peça-chave no seu antagonismo ao chefe do executivo. O ministro, que no início estava alinhado às posições do presidente, mudou de postura e passou a defender as medidas sanitárias, ganhando prestígio junto à opinião pública, mas, ao mesmo tempo, gerando conflito com Bolsonaro. A partir desse momento, o Jornal Nacional transformou o ministro da saúde em vedete da luta contra a pandemia, abrindo grande espaço quase que diariamente a ele. Mandetta funcionava como uma espécie de porta voz, de dentro do governo, do posicionamento que a Globo defendia, já que Bolsonaro insistia no negacionismo. Através da visibilidade dada ao ministro como defensor da vida, o telejornal fornecia pólvora para o fogo amigo que atingia seu chefe, o presidente, alinhado à morte.

Em 28/03/2020, quando se registrava 114 óbitos, o JN veiculou nove sonoras (trechos de entrevista) seguidas do ministro Mandetta. Na maioria delas, ele reforçava a importância do isolamento, defendia a ciência, a necessidade de articulação com os governadores, o consenso, o fechamento do comércio etc. As entrevistas com o ministro eram quase diárias no JN, sempre no sentido de recomendar o isolamento e demais medidas sanitárias.

Mandetta foi demitido do Ministério da Saúde em 16/04, depois de um processo de “fritura” por causa das divergências com o presidente na condução da pandemia. Naquele momento ele tinha o apoio de 76% dos brasileiros enquanto a avaliação popular de Bolsonaro na condução da pandemia era de apenas 33%.⁵ O ministro foi substituído por Nelson Teich e, este, por Eduardo Pazuello, ambos submissos a Bolsonaro e alvo de frequentes críticas do Jornal Nacional.

O telejornal mostrava, frequentemente, as ações que demonstram a inércia e a desimportância que o presidente dava às medidas de combate à

⁵ “Mandetta é demitido do Ministério da Saúde após um mês de conflito com Bolsonaro: relembre os principais choques”. BBC Brasil, 16/04/2020. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/internacional-52316728. Acesso em: 10 jan. 2022.

pandemia, como a demora em propor o auxílio econômico a empresas e à população mais vulnerável e as aglomerações que fazia com apoiadores. Também abria espaço para críticas de parlamentares opositores à condução da crise. Mentiras ditas por Bolsonaro eram classificadas, eufemisticamente, pelo JN como “distorções” que, nos primeiros meses da pandemia, evitava o embate direto, praticando um tipo de tratamento editorial tradicional mais objetivo, pelo menos na forma, deixando o juízo de valor subentendido no conteúdo. Essas características eram frequentes e podem ser verificadas, por exemplo, nas edições de 28/03, 30/03, 02/04, 04/04, 09/05 e 21/05.

A essa altura, o presidente continuava inabalável em sua postura negacionista, apesar da artilharia de notícias negativas veiculadas diariamente contra ele no telejornal mais assistido do Brasil. No dia a dia da presidência, as declarações e ações de Bolsonaro se tornavam cada vez mais frequentes e incisivas. Entre tantas frases depreciativas e sem empatia que ele proferiu duas, sobre a escalada de mortes, já haviam causado perplexidade no final de abril e ganhado repercussão no JN: “Eu não sou coveiro”⁶ e “E daí? Quer que eu faça o que?”⁷.

Nesse contexto, a partir do registro de 10 mil mortes, em 09/05, o JN começa a adotar um tom mais grave na crítica ao comportamento do presidente e um tratamento mais sensível, emocional e humanizado das mortes pela covid, com a inclusão de personagens, suas histórias de vida, a dor das famílias, sempre destacando, como um mantra, que não se tratava apenas de números, mas de vidas humanas perdidas.

As cabeças das matérias (chamadas lidas pelos apresentadores), em todas as edições, passaram a ser ilustradas, no telão ao fundo, com a imagem das pessoas mortas pela doença. E sempre, no encerramento de cada telejornal, os apresentadores manifestavam sua solidariedade e respeito aos mortos. A

⁶“Não sou coveiro”, diz Bolsonaro sobre qual seria número aceitável de mortes por coronavírus”. Folha de São Paulo, 20/04/2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-sobre-qual-seria-numero-aceitavel-de-mortes-por-coronavirus.shtm. Acesso em 10. jan. 2022.

⁷ “E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?”, diz Bolsonaro sobre recorde de mortos por coronavírus”. Folha de São Paulo, 28/04/2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortos-por-coronavirus.shtml. Acesso em: 10 jan. 2022.

câmera se deslocava para o telão, mostrando uma bandeira brasileira em preto e branco com o número de óbitos e os dizeres: “vidas perdidas”. Como salienta Morin (1988, p. 29), não só a morte, mas também os mortos estão presentes, obsessivamente, na nossa cultura, constituindo-se em “um dos aspectos mais evidentes e mais conhecidos da mentalidade arcaica.”.

Como aponta Traquina (2002), a personalização (os acontecimentos são relatados, na estrutura da notícia, em torno de personagens-chaves) é um dos valores-notícia mais utilizados pelos jornalistas. Ajuda na compreensão melhor da mensagem, desperta o interesse, a atenção e o envolvimento do telespectador pelo caráter humano que se dá à narrativa. Esse efeito é potencializado quando a personalização é utilizada no tratamento de acontecimentos dramáticos, especialmente envolvendo o valor-notícia morte.

Nessa edição de 09/05, o JN mostrava o presidente dizendo que era *fake* o churrasco para comemorar o seu aniversário que ele mesmo havia anunciado várias vezes, dias antes. Também mostrava que no dia em se registrava 10 mil mortes, Bolsonaro se divertia passeando de moto aquática, fazia aglomeração e minimizava a tragédia, chamando-a novamente de “neurose” e repetindo a postura fatalista ao afirmar que “70% vão pegar o vírus, não tem como, é uma loucura”. O enquadramento trabalhado na matéria revela, de forma mais incisiva do que vinha sendo feito antes, o sentido de desdém do presidente com a gravidade da doença e com a morte, bem como o desrespeito com as vítimas e seus familiares.

Todas as manifestações seguintes, da mesma natureza, noticiadas pelo telejornal ganhavam, na edição, esse efeito de sentido. Como no programa de 02/06, que registrava mais uma fala de descaso do presidente em relação às 30 mil mortes pela covid, ao dizer “Lamento todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”, quando uma apoiadora lhe pediu uma palavra de conforto para as famílias das vítimas. Depois da exibição do VT, a câmera volta para o estúdio para registrar a expressão de desaprovação dos apresentadores que, em seguida, noticiam o caos e a devastação causados pelo aumento de mortes em Manaus.

Na edição que marca os 50 mil mortos (20/06/2020), o JN aumenta mais o tom crítico e o tratamento mais humanizado e sentimental das mortes. De

maneira incomum, o telejornal apresenta nesse dia um editorial de três minutos e quinze, uma enormidade para os padrões telejornalísticos tradicionais, denotando a gravidade que o JN conferia à questão. Compreendemos o uso deste recurso, pouco utilizado pelo JN, que privilegia o gênero informativo ao opinativo, por conta de outro valor-notícia, a notabilidade, que se refere a uma qualidade do acontecimento que o torna mais visível, e, portanto, mais noticiável, como por exemplo, pela quantidade de pessoas envolvidas, o seu grau de anormalidade ou caráter insólito. Aqui, no tratamento da informação, a notabilidade por conta do imenso número de 50 mil vítimas de uma calamidade sanitária extraordinária também vem associada, novamente, ao valor-notícia impactante da morte, acentuando a sua força. Veremos isso ser usado com frequência daqui para frente.

Na esteira de Morin (1984), para quem os jornalistas, influenciados por valores culturais arcaicos, têm na morte um dos valores-notícia negativos preferidos, Baitello Junior afirma que “[...] a maioria das notícias é mortal. Mais exatamente teríamos de dizer que a maioria das notícias estabelece vínculos diretos ou indiretos com a morte (com o medo da morte)” (BAITELLO JUNIOR, 1997, p. 109).

Alguns trechos do editorial dos 50 mil mortos (20/06/2020):

Renata Vasconcelos (com a voz embargada): É um marco trágico na pandemia. Mais de 50 mil mortes. 50 mil. [...] Empatia é capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de entender o que o outro sente.

[...] Bonner: E é um sinal muito triste dos tempos que nós vivemos que a gente tenha que explicar essa atitude, não para a maioria do público brasileiro, de jeito nenhum, mas para uma minoria pequena, mas muito barulhenta, para quem o que nós fazemos, o jornalismo profissional deveria, se não fechar completamente os olhos pra essa tragédia, pelo menos não falar dela com essa dor.

Renata: E pra nós mesmos porque nós somos uma nação. Como o Bonner mesmo disse, tudo isso vai passar e quando passar é a História com H maiúsculo que vai contar para as gerações futuras o que de fato aconteceu. [...]

Bonner: Mas a História vai registrar também aqueles que se omitiram, os que foram negligentes, os que foram

desrespeitosos. A História atribuiu glória e atribui desonra. E história fica pra sempre.

O editorial não cita nominalmente Bolsonaro, mas fica cristalino para o telespectador que é ele (e os seus seguidores, por associação direta) o destinatário dessa censura pública. Ele é pintado como um presidente sem empatia, sem respeito pelas vítimas e pelos que choram os seus mortos, insensível, desumano e incapaz de se comover diante da morte, cuja omissão negligência e desrespeito será julgada com desonra pela história.

A edição de 08/08/2020, quando o País ultrapassou os 100 mil mortos, o JN fez um ataque duríssimo ao presidente, em outro editorial de 4'20" logo na abertura do programa. Os apresentadores lembraram diversos momentos em que Bolsonaro contrariou a ciência e menosprezou a gravidade da covid, desrespeitou a memória das vítimas, desdenhou das mortes, boicotou o isolamento, que, ao final, acabou sendo “capenga e insuficiente” para evitar o aumento da contaminação e a sobrecarga no sistema de saúde e provocou “confusão e perplexidade de muitos cidadãos que ficaram sem saber em quem acreditar”. Os apresentadores também criticaram a inação do presidente, governadores e prefeitos que não compraram leitos de UTI a tempo e na quantidade suficiente, provocando enormes filas de doentes desesperados nos hospitais. Ao final, o editorial cobra a apuração dos culpados:

Renata: Diante disso tudo é necessário lembrar a Constituição porque isso nos levanta uma pergunta importantíssima. Nós já mostramos o que diz o artigo 196: “É dever das autoridades que governam o país implementar políticas que visem a reduzir o risco de doenças”. E a pergunta que se impõe é: o presidente da República cumpriu esse dever? Entre os governadores e prefeitos quem cumpriu, quem não cumpriu?

Mais cedo ou mais tarde o Brasil vai precisar de respostas para essas perguntas. É assim nas democracias e nas repúblicas em que todos temos direitos e deveres e onde ninguém está acima da lei.

Bonner: Essa resposta vai ter que ser dada principalmente em respeito às famílias de mais de 100 mil brasileiros mortos porque eles não podem ser vistos só como números. O jornal nacional não vai se cansar de repetir: essas vidas perdidas eram de brasileiros como todos nós. não eram pessoas que estavam

fadadas a morrer por qualquer outro motivo. Elas morreram de covid. Deixaram uma família em dor, amigos, colegas de trabalho, conhecidos. Nós não podemos nos anestesiarmos.

A pergunta de Renata Vasconcelos, se Bolsonaro cumpriu a Constituição e agiu para evitar que os brasileiros não morressem de covid, é meramente retórica. O sentido que emerge do conteúdo e da forma como ele foi arquitetado no discurso é claro: Bolsonaro é, sim, responsável pela situação trágica a que o País chegou e, por associação direta e lógica, por parte das dezenas de milhares de mortes ocorridas por covid no Brasil. Com esse editorial, o JN cola, definitivamente, a figura da morte à pessoa do presidente da República.

No editorial, a chamar atenção do telespectador e sinalizar a importância daquelas informações e dos fatos narrados, embalados no já excepcional formato opinativo, o JN reforça o valor-notícia mais importante da morte com outros dois na culpabilização do presidente. Primeiro o do valor-notícia “infração”, referente ao desrespeito às leis, à má gestão, à violação de regras de funcionários ou autoridades que desempenham função pública, geralmente de forma escandalosa (TRAQUINA, 2002). E, segundo, o do “conflito”, ligado ao cometimento de algum tipo de violência física ou simbólica (TRAQUINA, 2002). No caso, parece claro que o telejornal sugere que o presidente incorreu nos dois tipos: violência simbólica, ao tratar com desprezo e desrespeito a dor dos que perderam seus entes, e física, indiretamente, ao contribuir com as mortes que ocorreram em consequência de sua omissão e boicote às medidas necessárias à contenção da pandemia. Veremos ainda estes recursos discursivos serem usados no próximo editorial, em 19/06/2021.

O contra-ataque veio no dia seguinte. No Facebook⁸, Bolsonaro efetuou um giro de 180 graus na narrativa construída pelo JN no editorial dos 100 mil mortos. Não só se isentou de qualquer culpa como ainda jogou de volta sobre a Globo a responsabilidade por parte das 100 mil mortes:

Muitos gestores e profissionais de saúde fizeram de tudo pelas vidas do próximo, diferentemente daquela grande rede de TV

⁸ Disponível em: www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/2045837842231858. Acesso em: 10 jan. 2022.

que só espalhou o pânico na população e a discórdia entre os Poderes. No mais, essa mesma rede de TV desdenhou, debochou e desestimulou o uso da Hidroxicloroquina que, mesmo não tendo ainda comprovação científica, salvou a minha vida e, como relatos, a de milhares de brasileiros. A desinformação mata mais até que o próprio vírus. O tempo e a ciência nos mostrarão que o uso político da Covid por essa TV trouxe-nos mortes que poderiam ter sido evitadas. De forma covarde e desrespeitosa aos 100 mil brasileiros mortos, essa TV festejou essa data no dia de ontem, como uma verdadeira final da Copa do Mundo, culpando o Presidente da República por todos os óbitos..

Nas semanas seguintes, o JN continuou veiculando notícias que associavam Bolsonaro à mortandade, como por exemplo, o fato de que ele havia suspenso a compra da vacina CoronaVac, do Butantan, por conta de uma rixa política com o governador de São Paulo João Dória (07/01/2021). Também a redução do número de doses repassadas aos estados, enquanto algumas unidades da federação registravam recorde de mortes (23/03/2021 e 29/04/2021).

Pouco depois, ao atingir a marca de 500 mil óbitos, o Jornal Nacional voltou a atirar no presidente. Já na escalada (manchetes) da edição de 19/06/2021, apontava a negligência que levou à tragédia: a demora do governo em comprar vacina, a falta de coordenação nacional no plano de imunização, a aposta em remédios sem nenhuma eficácia contra a covid e exemplos negativos do presidente da República no desprezo às medidas sanitárias. No mesmo programa, destacava os protestos pelo País que pediam mais vacina e o *impeachment* de Bolsonaro, apontado pelos manifestantes como responsável pelas 500 mil vidas perdidas. Também deu espaço a políticos de oposição para atacarem o presidente, reforçando ainda mais ancoragem da sua figura à da morte.

E, novamente, ao final da edição, o JN implica o presidente e a sua postura desastrosa do combate à pandemia no balanço trágico daquele momento. O editorial relembra, novamente, as ações de negligência, irresponsabilidade e omissão do presidente:

Bonner: Hoje é evidente que formam muitos e muito graves os erros cometidos. E eles estão documentados por entrevistas, declarações, atitudes, manifestações. A aposta insistente e teimosa em remédios sem eficácia, o estímulo frequente a aglomerações, a postura negacionista e inconsequente de não usar máscara e o pior: a recusa em assinar contratos para a compra de vacinas a tempo de evitar ainda mais vítimas fatais.

Cobra, mais uma vez, a apuração de culpa pelas mortes e sinaliza que essa responsabilização virá pela CPI da covid, em curso no Senado Federal. “Haverá consequências e a mais básica será de ter levado ao povo brasileiro o conhecimento de como e por que se chegou até aqui.”, afirma a apresentadora Renata Vasconcelos.

Em uma síntese semiótica simples, mas eloquente, dos enquadramentos que o JN vinha construindo nos últimos meses, o telejornal se encerra em silêncio, com o telão, ao fundo, registrando sobre a imagem da bandeira nacional em preto e branco o saldo creditado na conta do negacionismo do presidente: “500.868 vidas perdidas”.

5 Considerações finais

A morte aparece como um dos valores-notícia mais importantes na cobertura do Jornal Nacional durante a pandemia de covid-19 no período de março de 2020 a outubro de 2021, acionando enquadramentos que apelam a valores e ideias profundamente enraizados na cultura humana primitiva como perda, dor, tragédia, medo, ameaça. Esses enquadramentos são trabalhados de maneira politizada pelo telejornal relacionando as consequências mortais da pandemia à ação inadequada e negacionista de autoridades políticas, sobretudo do presidente Bolsonaro e, também, de parte da população, que desrespeita as medidas sanitárias prescritas pela ciência por desconhecimento, negligência, ou alinhamento ideológico com o presidente.

Nesse sentido, no aspecto político o JN passa, progressivamente, a tratar a questão em oposição aos enquadramentos produzidos por Bolsonaro em suas declarações públicas nas quais ele tenta minimizar a gravidade da pandemia e

desdenha das mortes causadas pelo vírus. O telejornal constrói representações de um Brasil ameaçado e assolado pela morte e atribui, de forma direta ou sugerida, grande parte da culpa sobre essa tragédia à inércia, insensibilidade e irresponsabilidade do presidente.

Nesta pesquisa fica evidente o peso que elementos culturais, em maior ou menor intensidade, têm na prática e na codificação do discurso jornalístico. Tanto para os próprios jornalistas, quanto para o público consumidor de notícias, é importante ter consciência disso, pois a notícia não é simplesmente informação de caráter referencial, utilitário, desprovida de sentido, de contexto, de historicidade, de raízes culturais, de aspectos sociais e psicológicos. E especialmente, desprovida de intencionalidades, principalmente políticas, como vimos. Para lembrar um preceito clássico das teorias da comunicação, grande parte das mensagens (aqui falamos especificamente das mensagens jornalísticas) tem, fundamentalmente, um caráter persuasivo. Tão importante quando o que é comunicado para o enunciatário, é o objetivo (e com qual intenção) que o enunciador pretende atingir ao codificar a mensagem de determinada forma.

Nesta perspectiva, esta pesquisa pode ser ponto de partida ou de complementação para outras investigações que se interessam em analisar a relação entre os meios jornalísticos e a política, os governos, especialmente no que se refere a um discurso tradicionalmente propagado pelas empresas jornalísticas na busca de reforçar a sua credibilidade: o discurso da “objetividade”, tomada no sentido de uma suposta neutralidade no trato de temas que envolvem a esfera do poder político governamental, principalmente. Como vimos nos resultados deste estudo, as empresas jornalísticas, em sua prática cotidiana de relatar e representar o cotidiano, não estão em uma posição suprapolítica. Elas também são, como todos os cidadãos e instituições da sociedade civil, agentes políticos ativos e importantes. E a forma como se relacionam com os poderes instituídos, como, no caso analisado, com o governo federal e a presidência da República, merecem cuidadosa atenção, pois reverberam consequências concretas para a vida de todos e para os rumos do País, especialmente em momentos decisivos e graves como está sendo o da pandemia de covid-19.

Durante a crise sanitária mais grave dos últimos cem anos, vimos parte da imprensa brasileira alinhada às posições de Bolsonaro e outra parte se mostrar mais combativa, como o Jornal Nacional. Certamente há algumas questões de caráter político, ideológico e econômico de fundo que explicam essas posições das empresas jornalísticas, mas parte importante da compreensão sobre a atuação desses meios é detectar, sistematicamente, como ela acontece. Ou seja, como os discursos vão sendo construídos e para quais sentidos eles apontam. É o que se procurou capturar nesta pesquisa ao se analisar o vínculo entre a politização da morte, como poderoso valor-notícia de profundas raízes culturais, e a atuação do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia.

Referências

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. (org.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado Letras, 2007.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news. **Journal of Peace Research**, Vol. 2, No. 1 (1965), p. 64-91. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/423011>. Acesso em: 20 março 2020.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: publicações Europa-América, 2000.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antonio. C. (ed.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador; São Paulo: Edufba e Ed. Unesp, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2013.

VIZEU, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. O telejornalismo: o lugar de referência e a revolução das fontes. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.